

A explicação: o governo emitiu demais no começo do ano.

O saldo de base monetária superou em mais de duas vezes a previsão do orçamento (2,2%) para janeiro, alcançando 5%, apesar de transferência de Cr\$ 749,8 bilhões do Tesouro, o que explica o acordo anunciado pelo Banco Central. Ao divulgar estes números ontem em Brasília, o BC assegurou que "a diferença observada em relação à projeção original do orçamento monetário não caracteriza desvio de tendência e deverá ser compensada nos meses de fevereiro e março".

Em decorrência do menor ritmo da atividade econômica e do recolhimento de impostos, caiu a velocidade de circulação da moeda na economia. Enquanto a base monetária cresceu 5%, o saldo dos meios de pagamento (moeda em poder do público e depósitos à vista no Banco do Brasil e nos bancos comerciais) diminuiu 4,5% em janeiro.

Em média diária, o Banco Central revelou que, no mês passado, diante da inflação de 9,8%, o estoque real de moeda caiu 10% em janeiro e 37,2% no período de 12 meses, "refletindo execução da política monetária que visa a adequar a liquidez da economia à desaceleração do processo inflacionário".

Os dados do Banco Central mostram que, em 12 meses, a expansão da base monetária atingiu 83,6% e a dos meios de pagamento, 92,9%. Para cumprir a meta de expansão no trimestre de 2% da base monetária e de queda de 3,8% no saldo dos meios de

pagamento, o Banco Central precisará conter, em fevereiro e março, em apenas 0,7% o crescimento do dinheiro em circulação na economia e obter contração de 2,9% no total das aplicações do Banco Central e do Banco do Brasil não cobertas por recursos não inflacionários.

Como fatores de expansão da base monetária, em janeiro, contribuíram: a redução de Cr\$ 200,3 bilhões nos depósitos registrados em moeda estrangeira (o saldo caiu para Cr\$ 12,39 trilhões, ao final do mês passado); os pagamentos do Banco do Brasil e Cr\$ 102,4 bilhões por conta do governo federal, principalmente, Previdência Social; as operações líquidas de Cr\$ 49,7 bilhões com a comercialização do café e de Cr\$ 32,3 bilhões com o trigo e ainda o refinanciamento do Banco Central de Cr\$ 33,8 bilhões de créditos à produção de manufaturados exportáveis.

Fatores de contração

Para atenuar as pressões expansionistas, o Banco Central contou, no mês passado, com a colocação líquida de Cr\$ 361,5 bilhões de títulos da dívida pública interna e o Tesouro ainda repassou Cr\$ 433,3 bilhões do orçamento fiscal para as autoridades monetárias. No fechamento em janeiro do caixa do Tesouro, o superávit efetivo atingiu Cr\$ 406,1 bilhões e a União ainda transferiu

Cr\$ 27,2 bilhões para cobrir responsabilidades junto ao Banco Central.

A contribuição do Tesouro em janeiro superou até a metade de Cr\$ 400 bilhões fixada para o trimestre, referente ao orçamento fiscal. Este mês, o Banco Central também prevê fortes repasses do Tesouro, em decorrência do recolhimento antecipado de impostos, inclusive pela redução do prazo de retenção dos recursos fiscais pela rede bancária.

Os empréstimos globais do Banco do Brasil e dos bancos comerciais atingiram o saldo de Cr\$ 31,48 trilhões, ao final de janeiro último, com crescimento de 6,1% no mês e de 150,3% nos últimos 12 meses, contra a inflação de 9,8 e de 213,2% nos respectivos períodos, informou ontem o Banco Central.

O Banco do Brasil fechou janeiro com saldo de Cr\$ 6,8 trilhões, com quedas de 2,1% no mês. Pelas projeções do orçamento monetário, o Banco do Brasil precisará, neste trimestre, reduzir em 7,5% o saldo de suas operações normais, o que representará queda líquida de Cr\$ 266,5 bilhões no volume de recursos injetados na economia.

Os bancos comerciais também não conseguiram fazer os seus empréstimos acompanhar a correção monetária e a inflação. O saldo das aplicações globais dos bancos comerciais alcançou, ao final de janeiro, Cr\$ 24,68 trilhões, com expansão no mês de 8,6% e, nos últimos doze meses, de 172,5%.